

MICROCOSMO TIJUCANO: NOTAS SOBRE AS ORIGENS DA NATAÇÃO NO BRASIL

Pedro Diniz Vieira¹

RESUMO: O artigo propõe um sobrevoo sobre os momentos iniciais da prática da natação no Brasil, relacionando-a com a trajetória do Tijuca Tênis Clube como instituição esportiva. O objetivo é interpretar os sentidos atribuídos a esta prática no contexto histórico de transição do século XIX para o XX no Rio de Janeiro através de fontes como jornais e documentos do clube, de modo a destacar a relevância do TTC neste cenário.

PALAVRAS-CHAVE: natação; eugenia; práticas esportivas.

TIJUCA MICROCOSM: NOTES ON THE ORIGINS OF SWIMMING IN BRAZIL

ABSTRACT: The article proposes an overview of the initial moments of swimming in Brazil, relating it to the trajectory of Tijuca Tênis Clube as a sports institution. The objective is to interpret the meanings attributed to this practice in the historical context of the transition from the 19th to the 20th century in Rio de Janeiro through sources such as newspapers and club documents, in order to highlight the relevance of the TTC in this scenario.

KEYWORDS: swimming; eugenics; sports practices.

MICROCOSMO TIJUCANO: APUNTES SOBRE LOS ORÍGENES DE LA NATACION EN BRASIL

RESUMEN: El artículo propone un panorama de los momentos iniciales de la natación en Brasil, relacionándolo con la trayectoria del Tijuca Tênis Clube como institución deportiva. El objetivo es interpretar los significados atribuidos a esta práctica en el contexto histórico de la transición del siglo XIX al XX en Río de Janeiro a través de fuentes como periódicos y documentos del club, con el fin de resaltar la relevancia del TTC en ese escenario.

PALABRAS CLAVE: natación; eugenesia; prácticas deportivas.

Introdução

Este artigo é fruto de pesquisa para dissertação de mestrado que consistiu em uma etnografia da formação de nadadores de alto

¹ Doutorando em Antropologia Cultural no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: pedrodinizcs@gmail.com. Rio de Janeiro, Brasil.

rendimento nas categorias de base do Tijuca Tênis Clube (TTC). O clube da zona norte carioca é reconhecido por ter o foco direcionado mais na formação de atletas do que nas competições de nível profissional. Isso é explicado, em partes, pela opção do clube em manter seu perfil amador, voltado para o quadro associativo em detrimento da participação no universo do esporte de espetáculo.

Para compreender melhor o contexto da formação dos nadadores tijucanos na contemporaneidade, proponho um recuo histórico para entender as origens da natação no Brasil e como essa história se cruza com a do Tijuca. A natação chega ao país no século XIX, sendo capturada pelos discursos que pensavam a educação física pelo viés da modernização do Brasil, como instrumentos para a promoção da eugenia, assim como outras práticas esportivas que começavam a ser praticadas em solo nacional no mesmo período. Soma-se algumas peculiaridades dessa modalidade que propiciaram significações específicas para sua prática, possibilitando, por exemplo, a entrada das mulheres em um campo esportivo até então negado.

Essa retórica que engloba os esportes dentro de um ideal moral de progresso da nação estará muito presente nos discursos em torno da fundação e afirmação do Tijuca Tênis Clube. O objetivo do artigo é, nesse sentido, interpretar os sentidos atribuídos às práticas esportivas e às instituições sociais que surgem em torno dela, i.e., os clubes esportivos associativos. Faremos isso a partir do caso da natação no TTC, através de fontes históricas como jornais e documentos do clube.

Sobrevoos sobre a natação no Brasil

Entre o final do século XIX e início do século XX, o Brasil passou por uma série de transformações, as quais a atenção dada à educação física e a natação servem de suporte para pensar um movimento mais amplo de construção da nação. Os esportes eram tidos como signo de modernidade e avanço civilizatório, em um contexto de emergência do

que Michel Foucault (2008) chamou de biopolítica, o processo de racionalização da gestão estatal sobre a vida dos indivíduos dentro do território nacional. A necessidade de administrar a população demandava o suporte de saberes que ganhavam corpo como campos científicos e propunham soluções técnicas para questões concretas de sociedades que se formavam a partir do paradigma do progresso e do desenvolvimento econômico.

Entre esses saberes, um dos que mais se destaca é o saber médico, que influenciou significativamente a forma de organizar a vida urbana. Era preciso pensar em estratégias para conservar a vida das pessoas para que pudessem continuar na esfera do trabalho por mais tempo. Produzir corpos mais saudáveis e fortes para o progresso nacional, o que inclui pensar nas atividades de lazer e no tempo livre dos indivíduos. É dentro desse contexto que a Educação Física se torna uma disciplina importante, para dar suporte a esse movimento mais amplo de influência do saber médico no controle das populações e como forma de reprodução de valores morais pela disciplinarização do corpo. A natação, como outras atividades físicas, era abordada como parte da formação do sujeito moral para uma sociedade que voltava ao ideal clássico em que, através de técnicas para aperfeiçoar a si, o indivíduo se forma como cidadão e colabora para o aperfeiçoamento coletivo².

Como na Europa, a natação começa a ser praticada e ensinada de forma sistemática no Brasil dentro de três tipos de instituições: militares, escolares e clubes associativos. Durante o Segundo Reinado, algumas escolas de elite do Rio de Janeiro começaram a se empenhar na construção de tanques de água para o ensino de natação, seguindo uma tendência europeia. É bom lembrar que, nesse período, saber nadar não era algo difundido como atualmente. Dominar as técnicas básicas de

² Foucault (2021) aborda essa questão ao analisar a ginástica grega como tecnologia de si, que só tem sua razão de ser por estar dentro de um horizonte moral em que ao homem é ensinado o valor da temperança. Comandar a si para poder comandar o outro na esfera pública.

flutuação do corpo na água era um fator de distinção social que interessava à elite fluminense, que se entendia na proa do desenvolvimento do Brasil enquanto nação, associando-se à prática esportiva como forma de afirmar seu vanguardismo no processo de modernização do país.

Em artigo sobre o ensino de natação no Rio de Janeiro entre os anos 1853 e 1889, Melo e Peres (2016) trabalham algumas das primeiras experiências com a modalidade na capital do Império. As escolas de elite passavam a ofertar os primeiros cursos de técnicas corporais para nado e flutuação, contratando profissionais especializados, muitas vezes trazidos da Europa, para ensinar as artes da educação física. Segundo os dois pesquisadores,

a natação continuou a ser um conteúdo valorizado, sempre encarada como contributo à construção de um novo modelo de sociedade, bem como sinal de que a escola tinha atenção ao que havia de mais moderno no que tange a propostas pedagógicas (Melo; Peres, 2016, p. 295).

Eles também comentam a incorporação da natação ao programa de treinamento dos institutos militares brasileiros, em especial os da Marinha. Pelo menos desde os anos 1850, mas principalmente a partir da Guerra do Paraguai, a natação era ensinada junto a outras práticas de ginástica como uma das valências físicas fundamentais da formação do combatente. Os primeiros militares formados nesses cursos eram considerados “mestres de natação” e ajudaram a disseminar a modalidade entre os civis oferecendo cursos livres e trabalhando dentro de escolas privadas. Ao longo da segunda metade do século XIX, a natação nas academias navais vai ganhando cada vez mais espaço, o que sugere sua disseminação no Brasil.

Na Escola de Marinha, se os regulamentos de 1858 e 1871 previam duas aulas de natação por mês, sempre aos domingos, antes da missa, na última década da centúria, a prática já era uma exigência praticamente diária, tendo sido construída, inclusive, uma melhor estrutura para seu ensino. Da mesma maneira, nas mais diversas instituições educacionais da Armada espalhadas pelo país, inclusive nas escolas de aprendizes de marinheiros, tornou-se obrigatória a modalidade. (...) Na

transição dos séculos, enfim, estava plenamente incorporada às atividades da força (Ibid., p. 300).

Compartilho, ainda, o diagnóstico dos autores de que o crescimento no interesse pela natação no país nesse período deve ser entendido dentro do contexto mais largo de disseminação dos discursos médico-higienistas, a exemplo do que acontecia nos grandes centros urbanos do outro lado do Atlântico. Esses discursos que propunham uma intervenção do saber médico na modelagem do espaço público tiveram uma grande penetração no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, por ser a capital, mas também pela conhecida insalubridade da cidade. O higienismo como discurso propõe toda uma nova agenda de hábitos que seriam mais civilizados, aos quais as elites urbanas buscavam incorporar como um passo na direção da modernização do país.

Jornais do período comentam a necessidade de promover políticas higienistas que aumentassem o bem-estar da população. À medida que a natação começa a ser mais praticada, passa a ser mencionada dentro do rol de atividades que poderiam ser promovidas pelo Estado. A passagem abaixo é de José de Alencar, na condição de editor do folhetim *Diário do Rio de Janeiro*, e ajuda a dar o tom do campo de práticas em que a natação estava sendo reivindicada:

A higiene compreende, além das medidas preventivas reconhecidas eficazes pela ciência, além de todo o asseio e limpeza não só das cousas, como dos indivíduos, os melhoramentos necessários para tornar mais arejados, mais salubres os lugares de habitação. Não são pequenas carroças imundas que farão a limpeza da cidade; é um sistema econômico regular, é a criação de banhos públicos, é a facilidade de asseio, dada às classes pobres, que pode fazer-nos chegar a este resultado. Não são também as medidas preventivas unicamente que conservam a saúde pública; convém dar aos moradores alimentos puros, passeios agradáveis, exercícios saudáveis, como os que ele pode achar em escolas de natação, de equitação, em banhos de mar, para os quais essa cidade oferece tanta vantagem.³

José de Alencar está chamando atenção para os benefícios que a população poderia lograr com o investimento do governo em atividades e

³ *Diário do Rio de Janeiro*, 4 abr. 1856, p. 1.

infraestruturas de promoção da higiene pública, incluindo a natação. A natação também é associada ao lazer, algo que passa a figurar como um aspecto importante da civilização, a partir da ideia de que o poder público deve prover aos cidadãos possibilidades de divertimento saudáveis.

O que o poder paterno pode fazer na família não o conseguirá o poder municipal na sociedade? As escolas de natação, de equitação e de ginástica, os passeios públicos, a proibição de prolongarem-se os espetáculos além de meia noite, O fechamento das lojas! e oficinas aos domingos, os divertimentos populares e muitas outras medidas que apontaremos seriam suficientes para que dentro de poucos anos a cidade do Rio de Janeiro apresentasse um aspecto risonho, como deve ser o de uma cidade onde os habitantes sentem esse bem-estar que é a verdadeira e a única felicidade. Como quereis que o povo do Rio de Janeiro tenha outros costumes, se vós o obrigas pela vossa incúria a essa vida de apatia e de aborrecimento que ele vive no meio de uma cidade sem asseio, sem divertimentos, nem distrações populares?⁴

O lazer passa a ser pensado como algo importante pela intelectualidade para oferecer atividades à população que promovam bem-estar, mas que sejam úteis, revigorando-a para o trabalho e afastando de atividades consideradas como vagabundagem. É nesse sentido que as atividades esportivas como a natação, equitação e ginástica aparecem no texto. Entretanto, o que se percebe, em geral, é que a prática da natação esteve muito mais concentrada na esfera privada.

Além de escolas civis e militares, há de se destacar que, nas décadas de transição para o século XX, proliferaram-se os clubes esportivos associativos, nos quais a natação começa a ganhar contornos competitivos em solo brasileiro. No bojo da valorização dos esportes náuticos, alguns clubes passaram a se engajar em pequenas competições disputadas em águas abertas. Em São Paulo, a maioria delas aconteceram no rio Tietê com agremiações como o Clube Espéria, Clube de Regatas Tietê, Club Athletico Paulistano e Associação Athletica São Paulo. E, no Rio de Janeiro, na Baía de Guanabara e nas praias da zona sul da cidade, envolvendo clubes que se tornaram notáveis, como o Clube

⁴ Diário do Rio de Janeiro, 2 abr. 1856, p. 1.

de Regatas do Flamengo, Club de Regatas Botafogo, Club de Regatas Vasco da Gama, Clube de Regatas Guanabara e o Club de Natação e Regatas. Este último “desempenhou um papel importante na difusão da natação competitiva na cidade” (Melo, 2015, p. 327). Em 1898, em comemoração ao seu terceiro aniversário, a agremiação organizou o primeiro evento com a designação de “campeonato de natação” da cidade (Ibid., p. 331)⁵. Foi disputada uma prova de 1500m, com um percurso que ia da fortaleza Villegaignon até a praia de Santa Luzia⁶.

Em relação a outros esportes, a natação possui a peculiaridade de, desde sua origem, estar mais aberta às mulheres. Há registros de participações femininas em competições brasileiras desde, pelo menos, 1917, mas a primeira competição exclusivamente para mulheres se deu apenas em 1931. Isso não significa que a natação seria uma modalidade mais igualitária. Fabiano Devede explica em seus artigos sobre a história da natação feminina no Brasil que, no início do século XX, a natação era vista por intelectuais da época “como a atividade ideal para cultivar a beleza, a graça e a saúde feminina” (Devede, 2004, p. 126).

Para entender essa questão é preciso ter em mente o tipo de racionalidade na qual a natação era pensada. Compreendo-a a partir de uma chave biopolítica, em que a educação física como um todo ganhava força como saber, em um contexto que atrelava a evolução física individual a evolução coletiva da sociedade em direção ao progresso, tido como uma exigência moral dos países que buscavam se modernizar. Nesse sentido, a natação possui uma dupla entrada nesse projeto de modernização do Brasil a partir da disseminação da educação física. Por ser um esporte aquático, foi apropriado de forma muito particular pelos discursos higienistas e, por ser um esporte considerado completo por abarcar várias valências físicas e produzir resultados estéticos desejáveis,

⁵ Desde a década de 1870, já haviam sido organizados outros eventos de natação, mas com perfil de exibição. Para uma discussão mais aprofundada sobre os primeiros passos da natação carioca, ver Melo (2015).

⁶ Essa praia deixou de existir após uma série de aterros na região do centro da cidade do Rio de Janeiro.

também foi apropriado pelos discursos eugenistas da época. Ambos alinhados ao tom do discurso científico positivista em voga.

Em um período de formação da identidade nacional, a educação física era vista como uma forma de evitar a degeneração da raça. A natação ganhou destaque entre outras modalidades pois poderia dar a seus praticantes um corpo forte, saudável e limpo, tudo o que os discursos higienistas e eugenistas preconizavam. Se considerarmos que é um esporte, principalmente em suas origens, limitado às elites e que são as elites que estão mais alinhadas a esses discursos de “modernização”, entende-se por que a natação passou a ocupar um lugar de destaque.

A volatilidade dos significados atrelados à prática da natação ajuda a explicar a inclusão das mulheres. Discursos da época associam características da natação às idealizações do que seriam os papéis de homens e mulheres na sociedade brasileira do início do século passado. Ao pesquisar alguns desses discursos, Devede analisa que

identificam-se algumas diretrizes claras: o incentivo à prática física; o combate à vestimenta maléfica à saúde feminina, a instrução contra a prática esportiva competitiva e de alta intensidade, e a prática de exercícios que fortaleçam os membros inferiores, indispensáveis à futura mãe. Aspectos que visavam a manutenção da estética e graça femininas, em detrimento do desenvolvimento atlético. (...) Na época acreditava-se que a natação era um esporte que dispensava a força, sendo menos atlético; e também, por ser realizada ao ar livre e na água, tornava-se a atividade por excelência, higiênica e capaz de trazer os melhores benefícios, tanto estéticos, quanto fisiológicos, ao corpo feminino (Ibid., p. 140).

A natação se abriu como uma possibilidade para mulheres das classes sociais mais abastadas ocuparem o campo esportivo, ao qual eram negadas em outras modalidades. Foi-se formando, mesmo que a revelia das instituições esportivas comandadas por homens, uma cena competitiva mais organizada para a natação feminina e, não por acaso, a primeira mulher brasileira a participar de uma olimpíada é a nadadora Maria Lenk, nos Jogos Olímpicos de 1932, em Los Angeles, quando tinha apenas dezessete anos de idade. A própria nadadora comenta em seu

livro que “a natação gozava de fama de dispensar a força física muscular, portanto, não prejudicando as virtudes femininas de graciosa fragilidade impostas pelo machismo dominador” (Lenk, 1986, p. 17). Em outro artigo, *Devide* e *Votre* se dedicam exclusivamente à história das competições femininas. O recorte de 1915, em que ocorreram competições demonstrativas com tom quase jocoso para a participação feminina, até 1931, quando acontecem as primeiras competições nacionais, permite aos autores concluir que:

No início do século XX, a natação tornou-se um locus de poder simbólico, que permitiu às mulheres atletas, geralmente de origem europeia, vindas das elites e notadamente dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, conquistar o espaço na esfera pública das competições e da mídia esportiva, sem as resistências sociais da época, que restringiam as mulheres à esfera privada. Esse processo de conquista da esfera pública foi possível devido à correspondência ao projeto eugênico promovido pelo Estado, que destinou às mulheres a função de fortalecimento da raça brasileira, tendo o esporte, especificamente a natação, como mola propulsora. Nesse contexto, a inserção dessas mulheres pioneiras no esporte contribuiu para que as nadadoras ganhassem visibilidade e passassem a ser valorizadas como exemplos de saúde, beleza e graça, numa sociedade patriarcal e conservadora, rompendo valores de uma época que reservava às mulheres os papéis de mãe, esposa e dona de casa (Devide; Votre, 2012, p. 230).

Maria Lenk é um caso emblemático que representa como a natação era um esporte restrito às classes abastadas, que tinham condições financeiras de frequentar clubes associativos e matricular seus filhos em colégios privados com piscinas. Além de demonstrar como e por que a natação esteve mais aberta à participação feminina quando comparada a outros esportes. Ela seguiu como a maior atleta de natação, contando homens e mulheres, por algum tempo, devido a seus resultados expressivos a nível mundial. Ainda muito jovem, não conquistou medalhas nas Olimpíadas de 1932 e 1936. Tudo levava a crer que seus melhores resultados chegariam em Tóquio 1940 pois no ano anterior ela havia quebrado dois recordes mundiais, nos 200m e 400m nado peito⁷.

⁷ O leitor mais familiarizado com a natação deve ter estranhado uma prova de 400m nado peito. Mas essa prova existiu até meados da década de 1930.

No entanto, os Jogos foram adiados por conta da Segunda Guerra Mundial e só voltaram a acontecer em 1948. Não fosse a Guerra, Maria Lenk teria pelo menos mais duas Olimpíadas em que entrava como uma das principais candidatas a medalhas. A natação brasileira teve que esperar até 1952 para conquistar seu primeiro triunfo olímpico, com Tetsuo Okamoto, que conquistou a medalha de bronze nos 1500m nado livre nos Jogos de Helsinque.

Nesse período das primeiras participações brasileiras nas Olimpíadas, a estrutura do esporte brasileiro era centralizada pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que abarcava todas as modalidades esportivas organizadas, incluindo a natação. A entidade tinha um papel similar ao que hoje tem o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), criado somente após o desmembramento da CBD na década de 1970 em federações específicas para cada modalidade. Assim nasceu a atual Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA), que administra a natação nacional desde 1977⁸ e representa o país na *World Aquatics*, federação que administra a natação em nível global.

Nos últimos 30 anos a natação brasileira passou a ter mais destaque no cenário internacional do esporte, mas as condições de formação de atletas de alto rendimento ainda é distante quando comparado aos países do norte global⁹. No recorte nacional, o sudeste e o sul são as regiões que mais produzem atletas, desde o início da prática da natação no Brasil. Isso ilustra a relação direta entre desenvolvimento econômico e desempenho de alto rendimento. Apesar de atualmente todos os estados promoverem competições de natação entre clubes locais filiados a federações estaduais, que respondem a CBDA em nível federal, percebe-se que é nos clubes e federações do sul-sudeste que a modalidade realmente prospera.

⁸ O nome original era Confederação Brasileira de Natação. A nomenclatura CBDA só foi estipulada em 1988, para abarcar os outros esportes aquáticos administrados pela confederação.

⁹ Com exceção da Austrália, que está entre os países mais vitoriosos na história.

Isso não é uma peculiaridade da natação. Trata-se de uma realidade na grande maioria dos esportes no Brasil. Entretanto, por ser uma modalidade que demanda uma infraestrutura e materiais significativamente caros, torna-se mais difícil que a modalidade se torne popular, propiciando que fique restrita às classes sociais de renda mais elevada, de maioria branca e mais difundida nos grandes centros urbanos. O que nos permite inferir que, apesar de uma certa disseminação pelas regiões do país e uma maior capilaridade de sua prática entre pessoas das classes médias, há uma continuidade no perfil da modalidade desde sua criação até o momento atual, sobretudo quando pensamos em performance de alto rendimento.

O Tijuca Tênis Clube

O Tijuca Tênis Clube é um clube centenário e figura entre os mais tradicionais da cidade do Rio de Janeiro em diversos esportes. Especificamente na natação, a instituição é reconhecida no cenário nacional por ser um clube formador de talentos e figura entre as mais competitivas do estado. Passaremos um pouco pela história do clube, que se confunde com a história do bairro que o confere o nome: Tijuca.

Os clubes associativos são as instituições mais importantes na disseminação da natação no Brasil. Esses clubes surgem em um período histórico específico, em que os esportes que se institucionalizavam na Europa eram importados por homens da elite econômica como forma de lazer, com um forte componente de construção de um *habitus* de classe associado ao que se entendia que havia de mais moderno no mundo. É um pouco desse espírito que está na base do surgimento do TTC.

Na noite de 11 de junho de 1915, quatro jovens do então distrito do Engenho Velho do Rio de Janeiro, se encontraram para assinar a

fundação do Tijuca Lawn Tennis Club¹⁰. A ideia surgiu a partir de dois irmãos, Álvaro Vieira Lima e Carlos Vieira Lima, que haviam adquirido o gosto pela prática do tênis em viagens feitas pela Europa. Com o ímpeto de criar um espaço que servisse tanto para a prática amadora do esporte quanto para eventos sociais da ascendente burguesia do bairro, juntaram-se com alguns amigos para alugar um terreno na Rua Conde de Bonfim.

As atas das primeiras reuniões do clube registram 26 sócios fundadores. Os próprios sócios fizeram os empréstimos necessários para o arrendamento e obras para a construção da primeira sede e das quadras de tênis¹¹. A sociedade tijuca se expandiu a partir de concessões e vendas de títulos de sócio proprietários e sócios contribuintes. Os títulos de sócio proprietário eram difíceis de conseguir. Para se tornar sócio efetivo, era necessário pagar o valor de dois contos de réis, o que por si já operava uma clara clivagem social¹². Além disso, a diretoria do clube poderia vetar a venda ou transferência de um título se entendesse que o pleiteante não se enquadrava no perfil de associado desejado pelo alto escalão do clube.

Os títulos de sócio contribuinte eram mais acessíveis, mas ainda assim com preços elevados. Mensalidade de 12\$000 e joia de 50\$000¹³. Essa categoria de sócio começou a ser vendida depois que o clube já estava mais consolidado, realizando eventos sociais e esportivos

¹⁰ O clube foi fundado com esse nome devido ao jogo de tênis ser disputado em gramados (*lawn* no inglês). Alguns anos depois foi alterado para Tijuca Tennis Club, mantendo a grafia em língua inglesa, o que era comum na época. Hoje o nome oficial do clube é grafado em português.

¹¹ As informações estão baseadas em dois livros gentilmente cedidos a mim pela presidência do clube. O primeiro de autoria do ex-presidente João Vicente da Costa, que resgata a memória do clube dos anos 1915 a 1950, ao qual recorro para a maioria das informações das quatro primeiras décadas do Tijuca. E o segundo, o livro oficial lançado pelo clube na ocasião do seu centenário em 2015, organizado por Teresa Montero.

¹² Em 1915, esse valor era o equivalente ao preço de um automóvel. Ver, por exemplo, a edição do jornal Auto-Propulsão, 1 mar. 1915, p. 26. Na edição do periódico, pode-se ver anúncios de veículos novos e usados com seus valores.

¹³ Informações obtidas no livro de Melo e Silva (2021), também fundamental para escrever este artigo.

periódicos. Estes sócios pagavam simplesmente para utilizar as dependências do clube e frequentar esses eventos. No ano de 1924, o clube já contava com um quadro de trezentos sócios e abriu vaga para mais duzentos (Costa, 2008), tendo em vista continuar as expansões em sua sede.

A Tijuca era um bairro em franco processo de urbanização no início do século XX. As propriedades rurais davam lugar a fábricas, estabelecimentos comerciais de profissionais liberais e habitações urbanas, transformando totalmente sua paisagem. Segundo Melo e Silva, em livro que relaciona a história do Tijuca Tênis Clube com o desenvolvimento do bairro:

Enquanto alguns bairros mais distantes da região central, notadamente aqueles cortados pela linha férrea – a zona suburbana –, foram adquirindo características próprias, dialogando com certas representações estereotipadas, considerados como locais menos afeitos aos ideais de civilização e progresso que marcavam as reformulações do espaço urbano em curso (Melo, 2021a), a Tijuca se conectou mais fortemente com o que se passava no Centro/Zona Sul, ainda que mesclando durante um bom tempo ares mais rurais com iniciativas de urbanização, tendências de desenvolvimento de caráter burguês com dinâmicas aristocráticas (Melo; Silva, 2021, p. 62).

Se olharmos o quadro de sócios do Tijuca, veremos advogados, juízes, médicos, contadores, donos de fábricas, profissionais liberais, militares, engenheiros, entre outras profissões. Famílias que participaram das primeiras levas de ocupação urbana do bairro e colaboraram para seu desenvolvimento. Começava a se formar uma elite local, associada ao projeto de modernização do Rio de Janeiro. Um símbolo desse processo de modernização do bairro é a criação da Praça Saens Pena e das principais avenidas, construídas em paços amplos e arejados, ao típico modelo europeu. Em um bairro que se configurava como um local onde as elites urbanas habitariam, pautadas pelos valores de modernidade e progresso, era de se esperar que prosperassem também espaços de lazer para o divertimento dessas elites. É no bojo dessas transformações que surgem no bairro teatros, casas de festa e também clubes esportivos associativos.

Perceba-se, portanto, o quanto o Tijuca Tênis Clube, no momento de sua fundação, se ajustava às mudanças em curso no bairro: sediado nas redondezas da Praça Saens Peña, era uma agremiação de lazer que reunia a elite local que estabelecia conexão com as áreas mais nobres do Rio de Janeiro, também delineando as diferenças societárias internas da região, elegendo como centro de sua dinâmica um esporte que movimentava sentidos de status e distinção e bem se adequava às características da área: meio burguês, meio aristocrático, remetendo tanto às experiências suburbanas refinadas europeias, quanto aos novos usos do campo, uma modernidade com peculiaridades (Ibid., p. 68).

Através dos livros produzidos pelo próprio Tijuca Tênis Clube, lê-se que os fundadores e primeiros sócios do clube tinham o objetivo mais amplo do que apenas fomentar a prática do tênis. Tratava-se de “transformar o clube em uma sociedade fechada” (Costa, 2008, p. 43). Isto é, um microcosmos em que pessoas da mesma classe social pudessem construir um espaço de sociabilidade entre “iguais”, pessoas que compartilhavam o mesmo universo simbólico, no qual os esportes estavam inseridos como um dos fatores de distinção social. Como coloca o ex-presidente do TTC, João Vicente da Costa, no livro que explora a memória do clube de 1915 a 1950, em meados da década de 1920, “seu quadro social era composto de um apreciável número de sócios, nele destacam-se figuras de relevo na sociedade. No esporte era considerado um clube especializado (tênis), mas visto com muita simpatia” (Ibid., p. 43).

Tanto em seu livro quanto no livro feito em comemoração ao centenário do clube, encontra-se o que entendo ser um mito de origem do clube. A passagem é uma citação de Álvaro Vieira Lima, fundador do clube, em que ele explica como nasceu a ideia de criar a sociedade.

Era hábito nosso esperarmos nas manhãs de domingo a passagem das mocinhas que, em grupos, voltavam da missa na Igreja de Santo Afonso. Entre esses grupos havia um ao qual eu dedicava especial atenção, pois dele fazia parte uma menina que era a minha eleita. Certa manhã de domingo, ao passar o grupo pelo portão, e como se desejasse uma aproximação, pensei que poderíamos organizar um clube social e esportivo, que fosse frequentado pelas famílias do bairro. Assim, aquela menina, sem o saber (e nunca soube, pois Deus a levou pouco tempo depois) foi a inspiradora do nosso clube (Montero, 2015, p. 18).

Verdade ou não (pouco importa aqui), essa narrativa foi apropriada pelo clube ao colocá-la nas primeiras páginas do livro produzido em 2015, quando o TTC completou cem anos, em capítulo que trata da origem do clube. Essa tônica de um clube fechado onde a família tijuicana encontraria seu lazer, em um ambiente mais seguro em relação a rua, e novas gerações seriam formadas a partir dos valores modernos do amadorismo esportivo, será uma constante nas décadas seguintes.

O clube nunca esteve muito interessado em expandir a qualquer custo. Há, na verdade, o esforço deliberado em manter o ideal de um clube local, amador, voltado para o lazer dos sócios, “uma instituição que bem marcava o *ethos* local – burguês, mas com laivos aristocráticos, um agente de urdimento de uma identidade tijuicana” (Melo; Silva, 2021, p. 75). Isso fica mais evidente quando observamos como o TTC acompanhou o desenvolvimento no campo esportivo na capital federal no início do século XX. Em um momento em que o futebol se tornava uma paixão nacional, com grande capilaridade em todas as classes sociais, formava-se um embate entre aqueles que defendiam que o esporte só pudesse ser praticado de forma amadora e aqueles que defendiam a profissionalização dos atletas¹⁴.

A disputa envolvia um forte recorte de classe e raça. Os defensores do amadorismo argumentavam que profissionalizar o esporte seria deturpar os valores humanistas que estavam em sua origem. Na realidade, o apelo ao discurso moralista era uma estratégia para manter o esporte como um fator de distinção social das classes abastadas e, para isso, era importante que pobres e negros continuassem excluídos das novas práticas competitivas. Esporte era para aqueles que tinham tempo livre para se dedicar ao domínio de uma modalidade e não para proletários.

¹⁴ Para uma discussão mais aprofundada sobre o tema ver Franzini (2003); Guterman (2009); e Souza (2008).

O Tijuca nunca teve interesse em participar da cena competitiva futebolística, estando muito mais interessado em se consolidar como um clube de tênis, esporte da preferência dos *sportsmen* associados ao clube. Filiou-se, então, à única entidade esportiva da época que pretendia promover torneios amadores da modalidade, a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres. Após dissidências entre os clubes que compunham a liga, sobretudo em relação a profissionalização dos atletas, o Tijuca seguiu com o grupo dos clubes de maior prestígio social (e mais poderosos economicamente) da cidade, que criaram a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), pois convergiam na defesa do amadorismo.

Começa, então, a partir das décadas de 30 e 40, uma expansão significativa do clube, em um movimento duplo. Primeiro (e prioritariamente) interno, de se tornar um clube com uma estrutura melhor para seus sócios; e externo, ampliando o leque de modalidades nas quais participava de competições amadoras do circuito competitivo carioca, em plena expansão na Era Vargas. Essa expansão foi capitaneada por uma figura central na história tijucana: Heitor Beltrão, considerado patrono do clube.

Beltrão presidiu o TTC por vinte anos, de 1930 a 1950. Seu primeiro feito importante aconteceu logo depois de sua eleição. O clube vivia um dilema sobre como arrecadar o dinheiro necessário para seguir ampliando suas dependências, pois a sede original tinha espaço muito limitado e não atendia mais ao tamanho do corpo de sócios. O projeto era ousado. Pretendia-se adquirir os terrenos adjacentes, ampliando a área de seis mil para vinte mil metros quadrados, demolição total da sede anterior e construção de uma nova, construção da primeira piscina, novas quadras de tênis e basquete e um rink de patinação. Encontrou-se a solução de criar a “Auxiliadora do Tijuca Tênis Clube Ltda”, sociedade composta por sócios para emprestar o dinheiro necessário para

as obras¹⁵. Vicente da Costa registra que foram gastos 2.429:666\$480 para a aquisição de terrenos e obras entre 1930 e 1933. O que por si só já demonstra o poder econômico do associado tijucano.

Na inauguração da nova sede, construída em estilo colonial, “4077 pessoas compareceram ao grande baile de gala” (Costa, 2008, p. 48). Um episódio importante para a história do clube que, nesse momento, já estava consolidado como uma instituição do bairro e um dos clubes esportivos mais conhecidos da cidade. Houveram outras obras que modificaram sensivelmente o clube, mas preservou-se na entrada do clube uma reprodução da fachada original, inaugurada em 1931, com uma frase de Heitor Beltrão que ilustra bem a ideia do clube como uma sociedade fechada.

Imagem 1 - Fachada restaurada da entrada do clube inaugurada em 1931



Fonte: Vieira (2023)

¹⁵ Em 1937 o TTC fez um empréstimo hipotecário com a Caixa Econômica Federal para liquidar as dívidas com seus sócios/credores, dando como garantia a própria sede.

Pensa-se o Tijuca como um local de pessoas destacadas socialmente em relação à população ordinária. Um mergulho um pouco maior nos mandatos do “patrono” nos permite aprofundar nos significados desse “mundo particular” que se pretendia erigir.

Os livros do TTC dedicam um capítulo específico em cada para abordar a importância de Beltrão para o clube. Além de presidente do Tijuca, foi político e jornalista. Como político foi vereador na câmara do antigo Distrito Federal e um dos fundadores da UDN, partido pelo qual foi eleito deputado federal em 1951. Escreveu em diversos periódicos da época e chegou a ser vice-presidente da Associação Brasileira de Imprensa, tendo marcado sua atuação política, em parte, pela defesa da liberdade de imprensa. Como bom udenista, fazia oposição ao governo Vargas e assumia posições liberais em sua agenda política. Entretanto, “transmudava-se no cavalheirismo e na fidalguia, para receber, nos salões do Tijuca, a Sra. Darcy Vargas que pleiteava apoio para suas meritórias obras sociais” (Costa, 2008, p. 59).

Imagem 2 - Heitor Beltrão recebe Darcy Vargas no TTC



Fonte: Costa (2008)

Detenho-me, mais especificamente, nos discursos e pronunciamentos oficiais de Beltrão, que veremos que se coadunam com o que venho tentando elaborar até aqui sobre o esporte pensado como um *locus* de reprodução de valores liberais, com um forte viés normativo, que alude ao espírito positivista ainda reinante nas primeiras três décadas do século XX. Neles veremos o higienismo, o eugenismo, o patriarcalismo, a fé cristã, o patriotismo, a moral cívica... tudo aquilo que nos ajuda a entender com mais clareza quais eram as famílias que o fundador Álvaro Vieira Lima se referia no mito original do clube.

Em mensagem destinada ao corpo de associados do clube, publicado em junho de 1933 na Revista do Tijuca (periódico de circulação interna), Beltrão traz todos esses elementos ao comemorar o aniversário de 18 anos do clube e os avanços estruturais promovidos em seu primeiro mandato como presidente. Reproduzo aqui alguns trechos.

Tijucanos! O nosso querido Tijuca Tennis Club - o vaporizador da Tijuca - está jovialmente entregue ao regozijo de seus dezoito anos, que agora se completam. Começou pequenino: quatro rapazes de iniciativa, reunidos em casa de um cavalheiro acolhedor falaram do assunto; tomados de feliz inspiração, discutiram a ideia, lavraram uma ata. No princípio era o verbo, como na criação do mundo (...).

Corria janeiro de 1930. Banimento do derrotismo. Eliminação do pessimismo. Coragem. Audácia racionada. Demolição do velho solar. Compra de mais seiscentos metros quadrados. Construção do novo palácio, leve, gracioso, ridente, entre jardins e cores. O salão. O Gymnasio. A piscina. Água translúcida, filtrada, clorada. Imune. Os vestiários. O parque infantil. Seis quadras. A elegância, o conforto, a higienização da existência. As instalações médicas. Os bilhares. A sala de leitura. A de sessões. As das sessões administrativas. A movimentação esportiva. O domínio da eugenia. (Beltrão, 1933 apud Costa, 2008, p. 62-63).

O discurso de Beltrão, junto a outras características que elenquei antes, como a primazia do tênis e do espírito amador das competições esportivas, nos permite pensar que o Tijuca estava muito próximo dos valores modernos destacados anteriormente. No trecho acima, destacam-se expressões como “higienização da existência” e “domínio da eugenia”

como elementos discursivos que fortalecem esse argumento. Vejamos como segue o discurso.

Sob a pressão do progresso, surge a expansão inevitável. Labor. Energia. Conquista de maior área, muito maior. (...) Uma transfiguração em menos de trinta meses. E eis, em pleno vigor de vida, entusiasmo, fama, dinamismo. O singular microcosmo tijucano. É o milagre do idealismo coletivo. O prêmio que não falha, da força de vontade. Os tijucanos souberam querer - fez-se! É sempre assim.

As nossas cores - que são as do sorriso feminino - exercem, só por isso, irresistível fascinação sobre todos os espíritos.

E temos a predestinação histórica: o Tijuca faz anos no mesmo dia em que Barroso¹⁶ imortalizou o lema histórico - “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”. Onze de junho é, pois, data nacional e, particularmente, data tijucana.

Nesse recanto maravilhoso, nas faldas suaves do Sumaré, tendo por escrínio a pelúcia verde de soberbas montanhas inundadas de luz, esplende, como uma jóia de civilização, a Casa Encantada dos tijucanos! A alegria de viver, que é uma fada gentil e miraculosa, vive ali, cercada da sua corte sedutora de lindas princezitas, que envolvem os corações no enleio de sua graça e se dedicam às sadias atividades esportivas, em vez de imitar aquela bela adormecida no bosque, à espera do príncipe-despertador (...).

Inicia-se, agora, a vossa, a nossa maior responsabilidade: manter o Club no alto nível a que atingiu, tornando infinitas suas possibilidades. Estamos efetivando uma legítima obra de puro patriotismo. Na cintilação do Tijuca refulge uma centelha do Brasil. (Ibid., p. 63).

De certa forma, parece que o esporte é algo secundário para a instituição em relação ao projeto maior de construção de um espaço de sociabilidade, o “singular microcosmo tijucano”. O clube se configura como um ambiente em que pessoas que compartilham uma mesma gramática moral podem frequentar como iguais (sócios), passando os mesmos valores para as próximas gerações, bem como o título de associado. Acho, na realidade, essa autorreferência como um microcosmos, com uma cultura e cosmologia particulares, muito produtiva antropologicamente. Minha interpretação é que essa cultura e cosmologia são muito próximas daquelas típicas da Modernidade, que pretendem um mundo desencantado e um humano transcendente. Não

¹⁶ O autor se refere ao Almirante Barroso, comandante que liderou a força naval brasileira na Guerra do Paraguai.

por acaso, elementos do cristianismo entram em cena no discurso, alinhados à crença no progresso como missão humana.

O feminino aparece no discurso associado a graciosidade, gentileza e beleza, algo que não seria incompatível com os esportes, como vimos nos discursos que tematizavam as mulheres que praticavam a natação, mas que também podem englobar a prática do tênis. Cria-se uma idealização sobre a estética feminina a partir da referência às cores vermelho e branco do Tijuca, associadas a cor tradicional do batom e a cor dos dentes.

O patriotismo é outro elemento que marca fortemente o discurso de Beltrão. A citação da conhecida frase do Almirante Barroso e a associação do Tijuca a ele através da data de aniversário comum, é uma forma de amarrar o clube ao ideal cívico de servir a pátria, ao qual os esportes sempre foram associados. Cabe, ainda, pontuar os recorrentes adjetivos que qualificam o clube na visão de Beltrão: elegância, conforto, graciosidade, coragem, labor, etc. Signos de distinção social associados a criação do *habitus*¹⁷ das elites do bairro. Outros discursos recuperados pelo ex-presidente Vicente da Costa, declaradamente admirador de Beltrão, demonstram como o patrono utilizava a palavra “cultura” como fator de distinção, geralmente enfatizando que os membros do TTC eram de “grande cultura” enquanto outros tinham “deficiência de cultura” (Ibid., p. 64). Sempre em uma conotação valorativa, como se a cultura fosse um conjunto de conhecimentos, dos mais populares aos mais eruditos, cabendo a cada um a missão de passar do polo inferior ao superior.

Beltrão foi presidente do clube por vinte anos. Foi eleito para o biênio de 1950-51, nas eleições realizadas em 1949, mas renunciou poucos meses depois de tomar posse. Precisava conciliar a gestão do

¹⁷ O conceito de “habitus” utilizado aqui é o popularizado por Pierre Bourdieu (2007), em que se delimita um sistema de disposições inconscientes adquiridas na relação dos indivíduos com estruturas sociais que perpassam suas vidas. Nesse sentido, o *habitus* está ligado à características de conduta que marcam os indivíduos e suas ações, ligando-os aos grupos sociais aos quais estão vinculados.

clube com os mandatos políticos, o que já não era mais possível depois que seu estado de saúde se tornou delicado. Seu mandato como deputado federal teve vários hiatos por licenças médicas, até que faleceu em 1955 aos 66 anos, deixando um grande legado administrativo no clube.

Após sua gestão, o Tijuca havia ampliado muito seu patrimônio e quadro de sócios. Aumentaram também a quantidade de modalidades esportivas em que o Tijuca contava com atletas e equipes para participar de competições. Em meados do século XX, “já não era aquele Clube simplesmente especializado. Competia com sucesso em oito esportes: tênis, basquete, vôlei, natação, pólo aquático, tênis de mesa, tiro ao alvo e esgrima, em todas as categorias” (Ibid., p. 53). Mas sem descaracterizar-se como um clube de bairro.

O clube passou por novas obras de grande porte para remodelar a sede e comportar um número elevado de sócios. O espaço começa a ficar muito próximo do atual na década de 1970, quando é construída a piscina olímpica e são feitas grandes reformas na fachada, no prédio principal, nos salões e nos ginásios. Mas o livro do centenário do clube chama atenção para a década de 90 como um período de muitas mudanças para o clube, acompanhando as transformações no bairro da Tijuca. Como no caso de Heitor Beltrão, o livro dedica um capítulo específico ao ex-presidente Paulo Maciel, que esteve à frente do TTC por sete mandatos.

Quando Maciel assumiu em 1992, o bairro era muito diferente daquele que deu origem ao clube quase setenta anos antes. Intervenções urbanísticas como a construção da estação de metrô na praça Saens Peña e os shoppings de pequeno e grande porte redesenharam o bairro e instauraram novos hábitos. A população havia crescido exponencialmente, bem como os estabelecimentos comerciais de rua. O ar bucólico do início do século deu lugar ao caos ordenado que marca os pontos chave de alta circulação de pessoas e do dinheiro nas grandes metrópoles, em uma paisagem de muitos prédios e automóveis. As áreas públicas do bairro, como a própria Saens Peña foram remodeladas a

partir do projeto Rio Cidade, realizado pela prefeitura do Rio entre 1995 e 2000.

O capítulo de Paulo Maciel destaca que essas mudanças no bairro também refletiram o aumento da violência, o que parece ter reforçado o discurso do clube como uma “sociedade fechada”, segura em relação ao mundo exterior.

Lugar de encontros, de entretenimento, de trocas afetivas. O clube oferece a segurança que a rua não propicia. A administração de Paulo Maciel percebeu essas mudanças, basta ver a estrutura de serviços criada no clube, como: agência bancária, agência de viagens, videolocadora, academia de ginástica, quiosques de alimentação e bazar. (...) O comércio e o lazer foram se deslocando das ruas para lugares fechados, como os shoppings, mas a vida sociocultural e esportiva dos tijucanos continuou entrelaçada à do Tijuca Tênis Clube. Os 21 anos da presidência de Paulo Maciel tornaram o clube um ícone da cidade do Rio de Janeiro, atingindo o feito de maior clube de sócios pagantes da América Latina. Os sete mandatos são o retrato de uma administração que tornou o Tijuca Tênis Clube um “clube-cidade” no século XXI (Montero, 2015, p. 35).

Duas coisas a sublinhar aqui. Há uma constante discursiva que podemos acompanhar desde a fundação do clube em destacá-lo em relação a um exterior degradante. Penso que esse discurso se fortaleceu no final do século XX em diante, quando se fortalece o que Dunker (2015) chamou de lógica do condomínio, em que o muro representa física e simbolicamente o desejo de separar os que estão dentro, vistos entre si como iguais, e os “outros”, geralmente tidos como uma ameaça à sociedade ideal criada intramuros. Outro ponto de continuidade é o vanguardismo que o clube pleiteia para si, afirmando sua constante adaptação na direção do que há de mais moderno. No caso, tornando-se um clube do século XXI.

É bem verdade que, ao completar cem anos, o Tijuca tem grandes feitos do ponto de vista administrativo. Não pude confirmar a informação de que seria o clube com maior número de sócios pagantes da América Latina, mas as notícias de jornais que comentavam o centenário do clube

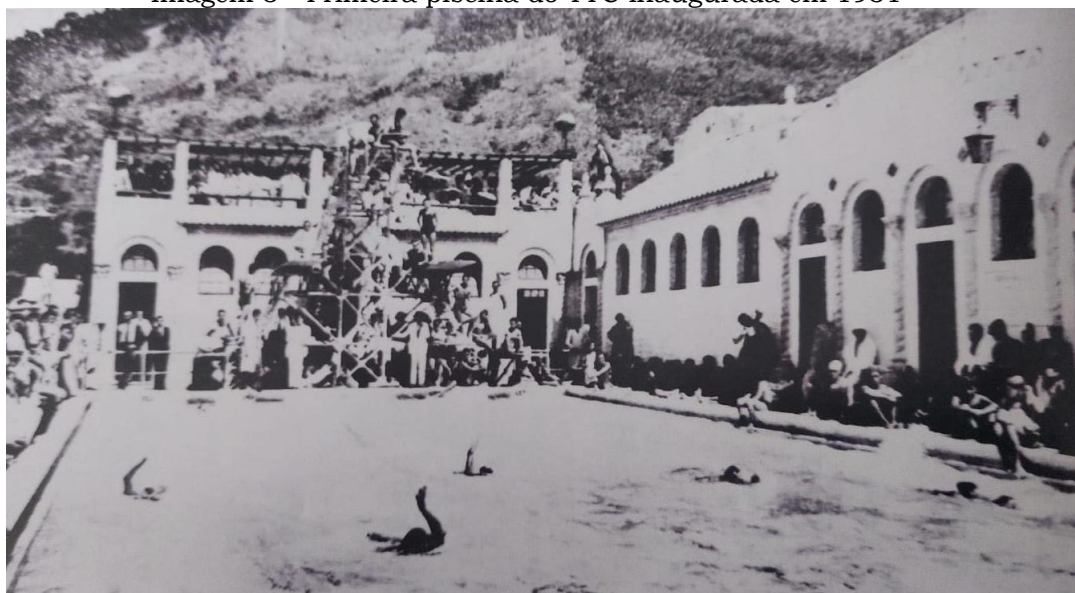
em 2015 chamam atenção para um aspecto pouco comum na gestão esportiva: a ausência de dívidas e o saneamento financeiro do clube.¹⁸

A natação tijuicana

Desde que a primeira piscina foi construída, em setembro de 1931, a natação passou a figurar no rol de modalidades esportivas do clube. No plano de obras para a construção da nova sede em 1930 havia uma cláusula que permitia ao clube excluir a piscina, se entendesse que os desafios técnicos e os custos financeiros não justificariam o investimento. Como aponta um relatório da diretoria recuperado por João Vicente da Costa, a matéria parece ter sido alvo de discussão entre os sócios. Era preciso decidir as características da piscina para que sua construção fizesse sentido não só para os bons nadadores, mas para o divertimento de todo o quadro social. Decidiu-se, então, criar uma “piscina de profundidade variada em perfil de colher, vitoriosa em todos os clubes do mundo onde, a par do esporte, haja vida social” (Costa, 2008, p. 88). Uma piscina de 25m de comprimento e 10m de largura, rasa nas extremidades e chegando a profundidade de 4m no centro, que custou aos cofres do clube aproximadamente duzentos contos de réis. Além de servir de palco para a natação, outras modalidades aquáticas puderam ser implementadas no clube no mesmo período, como os saltos ornamentais e o polo aquático.

¹⁸ Ver matéria de O Globo, do dia 11 de junho de 2015. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/tijuca-tenis-clube-completa-tem-anos-sem-dividas-com-42-mil-socios-16413463>>. Acesso dia 28 de abril de 2025. Pela matéria, em 2015, o clube possuía em seu quadro associativo 42 mil pessoas.

Imagem 3 - Primeira piscina do TTC inaugurada em 1931



Fonte: Montero (2015)

Nos primeiros anos após a inauguração da piscina, o Tijuca passou a promover eventos internos para os associados, incluindo competições masculinas e femininas para várias faixas etárias. O começo no universo competitivo carioca se deu com atletas que participavam de competições de águas abertas representando as cores do Tijuca e nas competições promovidas pela Liga Carioca de Natação, a partir de 1935. Mas é na década de 1940 que o clube conquista seus primeiros êxitos esportivos relevantes.

No início de 1940, o clube sediou um evento festivo junto a Embaixada do Japão, que trouxe dois nadadores nipônicos campeões olímpicos ao Brasil a convite da Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Os atletas Tetsuo Hamuro, campeão e recordista olímpico dos 200m nado peito, e Masanori Yusa, bicampeão olímpico no revezamento 4x200m nado livre nas olimpíadas de 1932 e 36, juntaram-se aos nadadores amadores tijucanos e a convidada de honra Maria Lenk em provas de exibição ao público¹⁹. No mesmo ano, o Tijuca sagrou-se campeão do Campeonato Carioca de Natação infanto-juvenil pela

¹⁹ Ver edição do jornal A Noite de 24 de fevereiro de 1940, disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=348970_04&pagfis=987&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acesso dia 28 de abril de 2025.

primeira vez e levou três jovens da mesma categoria ao título de campeões brasileiros.²⁰

Outros feitos de relevo na época foram os títulos de campeonato brasileiro conquistados por Zaven Boghossian e Newton Santana em 1943; o tricampeonato carioca de Márcio Bivar Soares Dias em 46, 47 e 48; e a conquista do Troféu Marino Tolentino por Ricardo Capanema, em competição anual de provas de 1500m disputada em quatro etapas, em que os atletas somavam pontos para definir o campeão.

Imagem 4 - Da esquerda para direita: Márcio dos Santos, Ricardo Capanema e Aram Boghossian, em etapa do circuito Troféu Marino Tolentino



Fonte: Jornal Correio do Amanhã, 18 fev. 1950²¹

Em 1951, Capanema e Aram Boghossian eram federados pelo Tijuca quando se qualificaram para os Jogos Pan-Americanos realizados em Buenos Aires, para representarem o Brasil. Obtiveram juntos a medalha de prata no revezamento 4x200m livre. Um ano depois, ambos estavam compondo a delegação brasileira nas Olimpíadas de Helsinque, sendo eliminado na fase classificatória em todas as provas que disputaram.

²⁰ Os campeões foram: Walter Vinter Santos, Terezinha Sande e Liane Duarte Silva, sob comando do técnico José Rodrigues Negrão.

²¹ Matéria disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_06&pagfis=918&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acesso dia 28 de abril de 2025.

Após uma grande reforma realizada na década de 70, na gestão de Aloysio Pires Bandeira de Mello, o parque aquático (que passou a receber o nome do ex-presidente) foi revitalizado e a piscina ganhou dimensões olímpicas: 50m por 25m. Foram construídas piscinas menores para o lazer dos sócios, destinando a piscina olímpica quase exclusivamente para a prática esportiva. A partir desse momento o clube passou a ter uma das melhores piscinas do Rio de Janeiro, que continuou sendo aperfeiçoada com sistemas de aquecimento e filtragem da água.

A melhora nas condições materiais de treinamento parece ter pavimentado o caminho para uma nova era na natação tijuicana. Com uma piscina grande, cortada em várias raias de 25m, era possível ter mais atletas treinando. É nesse período que ganha contornos mais definidos a estrutura que inclui a escolinha de natação para crianças e adultos e as categorias de base para formar atletas competitivos, tornando o Tijuca um dos principais clubes da natação carioca, seja em competições de categoria, absoluto ou master. É justamente nessa década que foram federados pelo clube os nadadores Cyro Delgado e Jorge Fernandes, medalhistas de bronze nos Jogos Olímpicos de Moscou em 1980, até hoje os únicos medalhistas olímpicos que passaram pelo TTC. O feito foi motivo de celebração no clube e, por isso, foi feita uma placa em homenagem a esses atletas que se destaca na parede que divide o pátio interno do clube e o parque aquático.

Imagem 5 - Placa em homenagem aos medalhistas olímpicos Jorge Fernandes e Cyro Delgado



Fonte: Vieira (2023).

O Tijuca acompanhou o processo de institucionalização da modalidade desde que passou a competir nos eventos organizados pelas federações. Apesar de não estar entre os maiores vencedores, sem dúvida podemos afirmar que é um dos clubes mais tradicionais, devido a longevidade e consistência de suas participações nas principais competições da natação carioca e nacional. Pode-se dizer que, além de competidor, é um dos grandes fomentadores da natação fluminense.

Assim como em outras modalidades, mais do que focalizar como objetivo a manutenção de uma equipe adulta profissional para o alto rendimento, a natação tijuca sempre esteve muito mais interessada em ter equipes que participassem das competições de categorias de base e das competições adultas para amadores (masters). Além de oferecer aulas de natação como um serviço aos moradores do bairro e sócios. Isso nos traz à condição atual do TTC, encarado no cenário nacional da natação como um clube importante para a formação de atletas, mas que não figura entre os mais competitivos quando estamos falando do mais alto nível de disputa, *i.e.*, as competições absolutas.

Conclusão

Praticar um esporte como a natação entre o final do século XIX e meados no século XX representava um signo de distinção social. A prática desta modalidade era praticamente restrita aos clubes associativos que surgiam neste período, pois apenas nestes havia piscinas adequadas. O Tijuca Tênis Clube foi um desses clubes, fundado sob o horizonte de criar um ambiente para a sociabilidade de uma elite emergente no bairro da Tijuca, que se pensava na proa do processo de modernização da então capital federal.

Através das e referências bibliográficas, fontes históricas do clube e dos discursos que tematizaram a prática da natação no período, percebe-se que a educação física estava relacionada à busca pela eugenia. Uma ferramenta biopolítica para produzir corpos atléticos, que

indicassem o progresso civilizacional da nação. É importante pensar as instituições esportivas como *locus* de reprodução destas narrativas.

Enquanto o esporte brasileiro permanecia sob a perspectiva do amadorismo, o TTC formou quadros importantes da natação brasileira. À medida que o campo esportivo foi se modificando, tornando-se uma indústria, o clube permaneceu fiel ao amadorismo e ao seu perfil social, de modo que, aos poucos, foi se especializando na formação de atletas nas categorias de base. Acompanhar a história do clube também oferece subsídios para pensar as transformações no campo esportivo e as disputas em torno dos significados das práticas esportivas.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

COSTA, João Vicente da. *Tijuca Tênis Clube: um pouco de sua história*. Rio de Janeiro: S/Ed., 2008.

DEVIDE, Fabiano Pries. A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos. *Movimento*, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 125–144, 2004.

DEVIDE, Fabiano Pries; VOTRE, Sebastião Josué. Primórdios da natação competitiva feminina: do “páreo elegância” aos Jogos Olímpicos de Los Angeles. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*. v. 34, n. 1, p. 217-233, 2012.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. 10^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.

MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria. A natação nas escolas do Rio de Janeiro do século XIX. *Educação em Revista*, v. 32, nº 1, p. 287-306, 2016.

MELO, Victor Andrade. Enfrentando os desafios do mar: a natação no Rio de Janeiro do Século XIX. *Revista de História*, São Paulo, n. 172, p. 299 - 334, 2015.

MELO, Victor Andrade de; SILVA, Bruno Adriano Rodrigues da. *Um bairro, um esporte, uma agremiação: o Tijuca Tênis Clube (1915-1931)*. Rio de Janeiro: Ed. dos Autores, 2021.

MONTERO, Teresa. *Tijuca Tênis Clube: 100 anos a mesma paixão*. Rio de Janeiro: Eldorado, 2015.

SOUZA, Denaldo Achorne de. *O Brasil entra em ação! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008.

VIEIRA, Pedro Diniz. *Diário de Borda: um estudo sobre a produção de corpos atléticos na natação*. Dissertação (Mestrado em Sociologia, com concentração em Antropologia Cultural), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, Rio de Janeiro, 2023.